



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10731 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

PEDAGOGAS EMPREENDEDORAS

Luciane Oliveira da Rosa - UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

Valéria Silva Ferreira - UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

PEDAGOGAS EMPREENDEDORAS

Este texto é fruto da pesquisa de Doutorado em Educação, e abordará a influência dos documentos do Banco Mundial e Unesco sobre educação, nas produções de subjetividades das pedagogas brasileiras. Utilizaremos o termo “pedagoga” por as mulheres serem a maioria que atuam com as crianças nas escolas de Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. A metodologia utilizada é a Genealogia da Subjetivação da Pedagoga, inspirada na genealogia da subjetivação de Rose (2001), em estudos de Foucault (2004), Agamben (2009) e Miller e Rose (2012), e adaptada para pensar a subjetivação da pedagoga. Utilizou-se como recurso analítico a Netnografia (KOZINETTS, 2014), para as buscas por documentos e enunciados nas páginas da Internet. Por meio do programa *Highlight Tool* do *Google Docs*, foi realizada a seleção e a organização dos dados coletados. A categorização das estratégias ocorreu de acordo com categorias de poder (DELEUZE, 2005). A *Network Ethnography* e o *Networking*, ancorados nos estudos de Ball (2014, 2017), foram utilizados para a elaboração e análise das redes. Os trabalhos de Deleuze (1992, 2005), Ball (2003, 2014, 2018), Foucault (2010, 2014, 2016, 2020), Masschelein e Simons (2017) e Larrosa (2016) deram suporte para as análises. A pesquisa mostra a influência dos organismos supranacionais, atuando por meio de uma rede de governança para produzir as subjetividades das pedagogas, objetivando criar um projeto de sujeito, uma forma de pedagoga, as pedagogas empreendedoras.

Na pesquisa, buscamos verificar os processos pelos quais um projeto de pedagoga é criado a partir das relações de poder que circulam nas práticas discursivas, no intuito de responder à seguinte questão problema: Como os documentos sobre educação, das organizações supranacionais Grupo Banco Mundial e Unesco, influenciam para produzir as subjetividades das pedagogas? A presente pesquisa baseada na ontologia crítica de nós mesmos, a qual busca compreender como chegamos a ser o que somos e como poderíamos ser diferentes daquilo

que somos, ampara-se na genealogia, um método para descrever os processos de construção das subjetividades da pedagoga. A Genealogia da Subjetivação da Pedagoga parte da análise de práticas discursivas, dos documentos supranacionais sobre educação: O primeiro documento que analisamos é aquele que instituiu a metanarrativa “educação ao longo da vida” na educação brasileira. *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI* (DELORS, 1998), elaborado para a Unesco. O segundo documento, *Professores excelentes: como melhorar a aprendizagem dos estudantes na América Latina e no Caribe* (BRUNS; LUQUE, 2015), elaborado para o Grupo Banco Mundial. O terceiro documento é o *World Development Report 2018: learning to realize education’s promise* [tradução nossa: Relatório de Desenvolvimento Mundial: aprendizagem para realizar a promessa da educação], (GRUPO BANCO MUNDIAL, 2018). O quarto documento é o *Global Education Monitoring Report 2017/8 – accountability in education: meeting our commitments* [tradução nossa: Relatório de Monitoramento Global da Educação: responsabilização na educação: cumprindo nossos compromissos], (UNESCO, 2018). Os documentos não tratam diretamente da pedagoga, mas, as incluem ao abordar os professores. Todos dialogam sobre educação, formação e atuação dos professores. Eles se complementam e sustentam discursos reformistas defendidos pelo *Global Education Reform Movement* (GERM), a rede global de reforma educacional. A coleta e a análise dos dados deram-se nos textos dos documentos, na interioridade dos documentos, entre os documentos e também, na sua exterioridade, nos enunciados que os cercam.

Para a análise documental das produções dos organismos supranacionais, lançamos mão de alguns recursos metodológicos. A análise genealógica da pedagoga é inspirada, na genealogia da subjetivação de Rose (2001) um estudioso de Foucault, portanto, abrange a análise do discurso de Foucault (2014, 2020) e compreende suas ferramentas arqueológicas e genealógicas. A análise do discurso centra-se na exterioridade dos enunciados e dos discursos. Há, dessa forma, uma busca intradocumental e interdocumental, mas é fundamental a busca externa aos documentos, daquilo que os cerca, para identificarmos o que liga os documentos e forma uma rede de poder. Assim, adaptamos a metodologia e apresentamos um percurso metodológico para pensarmos a Genealogia da Subjetivação da Pedagoga, o qual é tramado por: problematizações iniciais dos documentos; estratégias de poder que fazem com que dispositivos funcionem; dispositivos de governo que capturam e produzem a pedagoga; autoridades que têm voz na elaboração dos documentos; teleologias que fundamentam as ideias contidas nos documentos. Como parte integrante dos dispositivos, surgem os enunciados, internos e externos aos documentos, que juntos formam os discursos que ancoram o governo de si e constroem subjetividades. A partir dos dados coletados com essa metodologia, foi possível traçarmos as redes genealógicas e de autoridades, e verificarmos como ocorrem as produções das pedagogas. A seguir, mostramos as questões norteadoras da Genealogia e os passos que seguimos na pesquisa.

Figura 1 – Questões norteadoras que estruturam a Genealogia da Subjetivação da Pedagoga



Fonte: Elaborada com base em Agamben (2009), Foucault (2004), Miller e Rose (2012) e Rose (2001).

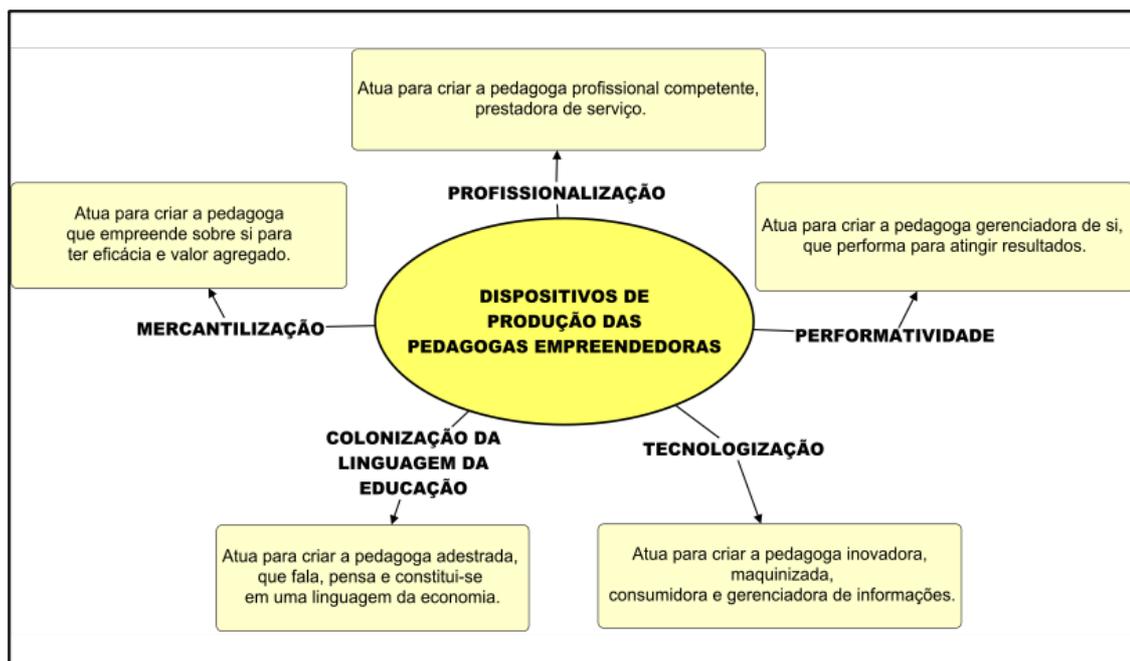
Partimos das questões norteadoras, como mostra a figura 1, buscando dados nos documentos e enunciados que circulam na internet, utilizando da Netnografia, recurso para pesquisa na internet, que possibilita pesquisa *online* e *offline*. A seleção e organização de dados se deu por meio do programa *Highlight Tool* do *Google Chrome*, a partir do qual fizemos o quadro analítico de cada documento, e, por fim, elaboramos a rede genealógica e a rede de autoridades, fundamentada na Etnografia de rede (BALL, 2014, 2017), utilizando o *Software Gephi*. A categorização dos dados se deu a partir das Categorias de Poder em Deleuze (2005): Estratégias de produção de efeito útil e Estratégias de indução.

Após a coleta e análise de dados, formaram-se quatro redes genealógicas, uma de cada documento, evidenciando as questões norteadoras da genealogia, e especialmente, as estratégias de poder e os dispositivos de governo utilizados pelos documentos supranacionais. Analisamos que cada documento teve suas estratégias prioritárias para acionar os dispositivos de governo, e que há sintonia e continuidade entre os documentos. As estratégias escolhidas fazem parte das categorias de "Produção de efeito útil" e de "Indução", sendo as mais recorrentes: "Formação", "Avaliação/Meritocracia/Responsabilização" e "Gestão de Reformas", todas subcategorias da categoria de "Produção de efeito útil". Essas estratégias acionam os dispositivos de Performatividade, Profissionalização, Tecnologização, Mercantilização e Colonização da Linguagem da Educação. Em cada documento destacam-se alguns dispositivos, mas todos são acionados pelas estratégias. Isso evidencia que há um alinhamento entre os documentos supranacionais em torno da teleologia mercadológica e das produções das subjetividades das pedagogas. Verificamos que as estratégias utilizadas nos documentos têm continuidade, multiplicam-se em plataformas educacionais brasileiras, em revistas destinadas às pedagogas e em programas do MEC para formação continuada de professores.

Analisamos que os dispositivos de Performatividade e Profissionalização, baseados em estudos de Ball (2003; 2010; 2014), Masschelein e Simons (2017) e Larrosa e Rechia (2018),

objetivam produzir a pedagoga profissional competente e prestadora de serviço, com uma *performance* autogerenciável, formada em uma profissão fundamentada nos valores da empregabilidade do mercado de trabalho. Os dispositivos de Mercantilização e de Tecnologização, baseados em estudos de Ball (2014), Deleuze (1992), Foucault (2010), Larrosa e Rechia (2018), Masschelein e Simons (2017), e Silva (2015), se entrelaçam e se sustentam, para produzir um tipo de pedagoga inovadora, maquinizada, que não pensa por si, adota a linguagem do mercado, se tornando consumidora de tecnologias e de informações e empreende sobre si. O dispositivo de Colonização da Linguagem da Educação, baseado em estudos de Foucault (2014; 2016) e Larrosa (1998; 2016), destitui a pedagoga da capacidade de pensar. Afinal, pensar é algo que fazemos por meio de palavras, de uma linguagem comum, e, quando a pedagoga passa a usar palavras colonizadas, esquece sua língua própria, desliga-se da linguagem da educação, constitui-se e pensa dentro de uma língua colonizada. O dispositivo se liga aos outros apresentados, e, por meio da linguagem, objetiva criar pedagogas com *status* de empreendedora. A seguir, mostramos a atuação de cada dispositivo de governo acionado pelas estratégias de poder, para produzir as subjetividades das pedagogas.

Figura 2 – Atuação dos dispositivos de produção das pedagogas empreendedoras



Fonte: Elaboração própria para fins da pesquisa.

Ao analisarmos as estratégias dos dispositivos de Performatividade e Profissionalização, constatamos que estes agem para produzir a pedagoga profissional competente que performa para atingir resultados educacionais. Na análise das estratégias dos dispositivos de Tecnologização e Mercantilização, vimos a ação para produzir a pedagoga inovadora, que empreende sobre si para obter valor e eficácia. Ao analisarmos as estratégias do dispositivo de Colonização da Linguagem da Educação, constatamos que este age em conjunto com os demais dispositivos e promove um adestramento linguístico para produzir a pedagoga empreendedora, que fala, pensa e se constitui na linguagem da economia de mercado. Os

dispositivos de governo acionados pelas estratégias dos documentos supranacionais para produzir as subjetividades das pedagogas são interligados, complementando-se e dando sustentação um ao outro. Atuam conjuntamente, sem uma ordem específica, e cada um deles tem seu papel na produção do projeto de sujeito – as pedagogas empreendedoras. Esse projeto de sujeito é, portanto, um empreendimento de múltiplos processos de subjetivação agindo sobre as pedagogas, criando não uma subjetividade única, mas, sim, subjetividades que se complementam com várias formas de pedagoga, fazendo dela um ser adaptável e flexível.

Da análise de todos os dados e do conjunto de redes genealógicas foi possível formar a rede de autoridades autorizadas a falar sobre a pedagoga. As autoridades da rede são autorizadas pelo capitalismo financeiro global. Tanto a Unesco como o Grupo Banco Mundial têm apoiadores e financiadores para seus documentos sobre educação. Analisando os quatro documentos da pesquisa, forma-se uma rede de apoiadores, com diferentes instituições de vários países, com atuação desde criação de problemas políticos até solução dos problemas por meio de elaboração de programas, projetos e venda de produtos. Forma-se o que Ball (2014; 2018) chama de rede de governança. Uma rede heterárquica, que governa à distância por meio de regimes de verdades e, sobretudo, vende soluções educacionais. Essa rede de governança atua influenciando nos textos dos documentos sobre educação e na circulação de discursos que subjetivam as pedagogas.

Consideramos, com base nas análises, que a teleologia mercadológica criada pela rede de autoridades e que a sustenta tem a finalidade de produzir as pedagogas empreendedoras. Todos os dispositivos acionados pelas estratégias agem conjuntamente para produzir as formas de pedagoga e alcançar o projeto de sujeito. A pedagoga empreendedora objetivada pela rede de governança é posta em ação por meio dos documentos supranacionais sobre educação. É a constituição do sujeito moral, levada a cabo por uma política que age como ética, que leva a pedagoga a agir sobre si para performar de acordo com as regras mercadológicas impostas. A pedagoga empreendedora reúne as características criadas pelos discursos que circulam em estratégia e dispositivos de governo, posicionando a pedagoga de diferentes formas: uma pedagoga capitalizada, profissional competente, inovadora, que se autogerencia e performa para atingir resultados, utiliza a linguagem da economia de mercado e empreende sobre si para tornar-se eficaz e empreender sobre as crianças para atingir metas educacionais. Dessa forma, entendemos que a rede de autoridades autorizadas a falar sobre a pedagoga criou discursos e os faz circular, fazendo o poder funcionar, ancorando os saberes para produzir as pedagogas empreendedoras, em uma profissão reorganizada a partir da metanarrativa “educação ao longo da vida”, estruturada no capitalismo cognitivo, no qual é preciso ser produtivo, atingir metas impostas internacionalmente, contribuindo com o desenvolvimento econômico para sustentar o capitalismo financeiro global.

Concluimos que “pedagogas empreendedoras” é um projeto de sujeito produzido por uma máquina que envolve estratégias, discursos, dispositivos e múltiplos processos de subjetivação, tecidos na rede de autoridades, por meio da governança neoliberal. Os dispositivos de governo programados por essa rede visam destruir a formação inicial consistente da pedagoga, para focar em treinamentos durante a carreira docente, na reciclagem das pedagogas, moldando-a como empreendedora de si. As pedagogas

empreendedoras irão aprender a empreender sobre si, de acordo com as situações e as mudanças globais. Nesse contexto, a formação será um empreendimento individual, privado, capitalizado, com valor de mercado e possibilidade de concorrência no mercado educacional. Com base em Foucault (2010), uma empreendedora de si é a sua própria produtora e capital, alguém que passa a investir em si para obter qualidades capazes de produzir rendimentos. Assim, pedagogas empreendedoras buscarão moldar-se de acordo com a *performance* desejada pelo mercado, atuando em favor dele, abandonando seus conhecimentos anteriores e destruindo em si e na escola o que há de escolar.

Nesse sentido, enfatizamos que nossa pesquisa descreve os processos de produção da pedagoga empreendedora, o empreendimento da rede de governança que age por meio dos documentos supranacionais para fabricar as subjetividades das pedagogas. Não cabe à esta pesquisa afirmar ou não se essa subjetividade se efetivará. Isso demanda outra pesquisa, no contexto da prática com as pedagogas. No entanto, consideramos que é preciso pensar e encontrar formas de resistências diante do projeto de produção das pedagogas empreendedoras. A pesquisa buscou inserir-se na ontologia crítica do presente, em um tipo de ontologia histórica e crítica de nós mesmas, daquilo que faz sermos como somos. A ontologia crítica permite investigarmos as relações de poder que nos produzem a partir de um projeto de pedagoga e imaginar e construir o que podemos ser, compreendendo a ética. Concordamos com Castro (2016), de que uma ontologia crítica de nós mesmos deve ser concebida como uma atitude, um *éthos*, cuja crítica do que somos é, além de uma análise dos limites que nos são impostos, uma prova de possível transgressão. É essa luta que pensamos ser necessária abraçarmos, cientes de que se criam domínios de poder, novas subjetivações. Entretanto, queremos registrar que há possibilidades de resistências a um modelo de subjetividade, que há linhas de fuga, outras subjetividades possíveis.

Palavras-chave: Governamentalidade. Pedagogas empreendedoras. Produções de subjetividades das pedagogas. Rede de governança.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BALL, Stephen J. The teacher's soul and the terrors of performativity. **Journal of Educational Policy**, v. 18, n. 2, p. 215-228, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1080/0268093022000043065>

BALL, Stephen J. **Educação Global S.A.:** novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Tradução Janete Bridon. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

BALL, Stephen J. Laboring to relate: neoliberalism, embodied policy, and network dynamics. **Peabody Journal of Education**, v. 92, p. 29-41, jan. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/0161956X.2016.1264802>

BALL, Stephen J. Performatividades e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 37-55, maio/ago. 2010.

BALL, Stephen J. Política Educacional Global: reforma e lucro. **Revista de Estudos Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, [s. l.], v. 3, p. 1-15, 2018. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/retepe>. Acesso em: 26 out. 2020.

BRUNS, Barbara; LUQUE, Javier. **Professores excelentes**: como melhorar a aprendizagem dos estudantes na América Latina e no Caribe. Washington, D.C.: Banco Mundial, 2015.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Muller Xavier. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELORS, Jacques. (org.). **Educação**: Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si, 1982. **verve**, São Paulo, v. 6, p. 321-360, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. 1. reimpr. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

GRUPO BANCO MUNDIAL. **World Development Report 2018**: Learning to Realize Education's Promise. 2018. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/publication/wdr2018>. Acesso em: 20 fev. 2020.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LARROSA, Jorge. A construção pedagógica do sujeito moral. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Liberdades Reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 46-75.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LARROSA, Jorge; RECHIA, K. **[P] de Professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MILLER, Peter; ROSE, Nikolas. **Governando o presente**: gerenciamento da vida econômica, social e pessoal. Tradução Paulo Ferreira Valerio. São Paulo: Paulus, 2012.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 33-57, jan./jul. 2001. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/41313/26145>. Acesso em: 24 jul. 2020.

SILVA, Sandra Cristina Vanzuita da. **Mercantilização da formação de pedagogos no Brasil**. 2015. 159 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí,

2015.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Global Education Monitoring Report – accountability in education**: meeting our commitments. 2018. Disponível em: <https://en.unesco.org/gem-report/allreports>